



*O que ela sussurra*¹

Noemi Jaffe*

São Paulo, Brasil

noemijaffe@gmail.com

No ônibus lotado, uma mulher mais velha foi obrigada a me empurrar com força e meu braço teve que aguentar praticamente todo o seu peso. Ela se desculpou e eu disse que não tinha importância. Somos duros como o diabo. Ela riu: somos duros como o diabo.

Aos poucos, um depois do outro, todos os passageiros começaram a repetir: somos duros como o diabo, somos duros como o diabo, uns mais alto, outros baixinho, uma gritando, outro rindo, mas o ônibus inteiro em uníssono, como um coro inofensivo porém resistente que, com essa frase, sustentaria um império, deteria um exército e implodiria um regime. A força vinha da própria maneira casual como dizíamos aquilo, da inutilidade de repetirmos, da certeza de que assim que o ônibus parasse, tudo cessaria e esqueceríamos de tudo, como se tivesse sido um sonho conjunto, um cântico desentranhado não só de quem estava no ônibus, mas de toda a Rússia, de todos os cantos, de todas as pessoas nos campos e nas cidades, dos trabalhadores e das avós, das crianças e dos funcionários públicos. Foi bonito e rápido e eu me senti poderosa, afinal tinha começado tudo inocentemente e, como um rastilho, a frase se espalhou, porque era o que todos queriam dizer. Ela se ofereceu aos passageiros, como se estivesse pendurada nos letreiros, cruzou o corredor encantando a cada um, que, talvez à revelia, a aceitou e ecoou, seguindo um flautista de Hamelin que passava.

Somos duros como o diabo, só o diabo sabe como somos duros, duros como o diabo nós somos, como o diabo nós somos duros. Nem sei se o diabo é duro, talvez seja mole e sem graça, mas disse isso porque não encontrei um nome melhor, diante de tudo o que aguentamos, de tudo o que aguentei.

Sempre penso que não tenho ideia, ninguém tem, do que passei realmente. A tendência do corpo é esquecer, ou se adaptar, e adaptar-se também é uma forma de esquecer. As mãos, as costas, as pernas, o pescoço, os ombros, os pés, o estômago, na verdade são eles que comandam o cérebro e não o contrário, como se pensa.

Vi Óssip ser perseguido até a morte e o acompanhei. Passei fome, suportei sua loucura e paranoia, fui traída por amigos, seguida na rua, recusada em inúmeros

¹ JAFFE, Noemi. *O que ela sussurra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 61-65. Disponível em: <https://cutt.ly/MWypjni>. Acesso em: 30 abr. 2021.

* Escritora, crítica literária e Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo.



empregos, trabalhei de dia e de noite, pedi esmolas, adoeci, quis morrer. E onde está tudo isso agora? Não sei. Sou dura como o diabo. Se viessem me pegar para me interrogar, me torturar e até matar, eu aceitaria. Nem sei do que sou capaz, já que há muito tempo não temo mais por minha vida.

Agradeço todos os dias por não ter tido filhos, decisão que Óssip e eu tomamos quando ainda era possível pensar sobre isso e sabíamos que filhos nunca combinariam com nossa vida nômade, da qual não queríamos abrir mão. Não queria, agora, ter um filho para me consolar, quando na verdade eu é que teria que consolá-lo da minha morte próxima. Acredito que encontrarei Óssip em algum lugar e isso é suficiente.

Uma noite acordei de madrugada e vi Óssip em pé, à beira da cama, com a cabeça apontando para trás e as mãos abertas. Ele mostrou a janela e disse: não está na hora? Vamos, enquanto ainda estamos juntos. Eu disse que não, que ainda não era hora. Não tenho certeza se não teria sido melhor, exceto pelos poemas que eu não poderia sussurrar, que não seriam publicados e que ninguém mais ouviria. Por que faço tanta questão de guardá-los e de lembrar deles, por que quero que todos conheçam e leiam esses poemas? Porque sou dura como o diabo. Talvez seja teimosia; sou briguenta, ele também era. Os poemas é que decidiam vir a ele, assim como a frase no ônibus e eu não tenho o direito de deixá-los sumir, porque assim como o corpo se adapta à dureza, também o som do poema quer ficar, porque o som é sua origem, foi a música que os fez nascer e escolheu Óssip para que ele os dissesse. Não tenho escolha. Como a alegria é para muitos, minha tristeza é que é luminosa.

O terrível é ouvir gente dizendo que “tudo foi uma necessidade histórica”, como disse um passageiro no trem até Voronezh. Posso suportar tudo o que passei, posso suportar ter esquecido o que queria lembrar e ter lembrado o que queria esquecer, mas não posso escutar essa frase, repetida por uns quantos intelectuais, não sei se inconformados até hoje com o fracasso ou se limitados em sua suposta inteligência, para não dizer outra coisa. Perguntei a ele qual era a tal necessidade histórica. A história opera por necessidade e acaso; era necessário que as coisas parecessem ter dado errado, para que outras coisas pudessem ser implantadas. O aspecto social da Revolução não era o mais importante, mas a indústria e a economia, porque cuidando delas, aí sim poderia haver igualdade de classes. Stálin foi um acidente necessário, seu caráter não estava à altura da sua missão. E Marx já dizia que até mesmo os acidentes ocorrem por necessidade histórica.

Faça-me o favor. Ou eu estudei tudo porcamente ou Marx é que estava enganado nisso ou você não sabe interpretá-lo, tive vontade de dizer, mas não disse, porque não tenho estômago para discutir com intelectuais; não tenho interesse nenhum em ganhar a discussão, não iria ganhá-la e ainda seria humilhada. Não me importa o que está racionalmente certo, mas o que sinto como certo, porque eu, eu vivi o que ele chama de necessidade histórica.



Um acidente não pode ser uma necessidade histórica. Eles só dizem isso depois de as coisas terem acontecido, depois de você ter perdido um irmão ou um filho, depois de tua casa ter sido saqueada e queimada, depois de você ser submetido a uma descoletivização que te leva a passar fome pelas ruas da cidade. E os intelectuais desse tipo gostam de dizer as coisas depois. Teorizar é coisa para analistas e observadores, que estudam o passado e concluem que, se Stálin não tivesse feito tudo o que fez, outro teria feito, porque tudo foi necessário. Senhores do destino imaginado, os teóricos se esbaldam nas justificativas que cabem em suas cartilhas. São exatamente o contrário dos poetas, como Óssip, que extraem suas palavras de uma aranha rastejando, de um pintassilgo amarelo e branco ou da fome roncando no estômago. E também dos eletricitistas, das cozinheiras e dos professores, para quem a necessidade é um quilo de farinha e a história não passa de passado. Ninguém quer se sentir nem se sente parte da história, e nem deveria; quando isso acontece, é porque a pessoa saiu da sua vida e passou a fazer parte da vida de outros, dados políticos, por exemplo, ou de uma causa, ou de um pensamento. E, pensando bem, achar que se não fosse esse, teria sido outro, porque o que aconteceu era inevitável é a mesma coisa que acreditar no destino grego, nas moiras ou na roda da fortuna.

Ao mesmo tempo que vivo sussurrando e vivo para susurrar, também aprendi a gritar; pouco, mas bem. Já ouvi pessoas dizendo que gritar é humilhante e Anna nunca grita, mesmo vivendo coisas bem piores do que eu. Vasilisa, mesmo tendo ficado tantos anos presa, também não grita. E os homens, então, para eles gritar é uma heresia. Se Óssip me ouvisse agora, quando eu abro a boca e falo: sou dura como o diabo, ele nãoalaria comigo por alguns dias. Mas não me importo. Mesmo sendo uma coisa selvagem, acho que é algo que resta da dignidade humana – gritar. É uma maneira de deixar uma pegada, de mostrar de que forma eu vivi e de que forma vou morrer. Tomara que eu possa morrer gritando e não quieta, na cama, enquanto as pessoas me elogiam por ter sido tão estoica, a vida inteira aceitando as coisas como elas são, lutando pela vida de um homem e da sua obra. Quando eu não podia gritar, eu fiquei realmente calada; não sou idiota. Mas agora que posso, grito porque sinto nessa voz a afirmação da desobediência, a mesma que a mãe de Aglaya praticou quando nos ofereceu comida em Voronezh.

Se eu ficar quieta, vou ser consumida pela palavra “Revolução”, assim como todos foram, inclusive Óssip, que, quando os estados de delírio ameaçavam voltar – e alguém que sofreu um trauma de tortura nunca se recupera completamente –, dizia que não queria que a Revolução passasse por ele sem incluí-lo. Essa palavra, que usaram para nos enganar, que engana tantos povos com a mesma finalidade, é ainda mais poderosa do que as prisões e até do que as mortes. Por ela faz-se qualquer coisa e mesmo os que são contra ela querem fazer parte dela, porque ela está acima da história e dos acontecimentos, acima do sofrimento e do horror, ela é gloriosa e triunfal, transformando os homens em heróis ou, ainda mais que isso, em transformadores do humano. Ela abraça o povo e faz as pessoas se sentirem



aninhadas numa colcha calma e aconchegante, onde tudo será provido, e o que não for, não o terá sido por alguma boa razão. Morrer, assim, é até bom, porque a mãe Rússia sobreviverá pelo seu sacrifício. E como o sacrifício é atraente!, nem eu posso negar, eu que quero afastá-lo de mim, que não quero viver nem morrer por nada. O sacrifício dá sentido ao que não tem sentido e a Revolução agita a tal ponto a alma que esta convence o corpo que ele não está passando fome, que a família não foi expulsa de casa, que o futuro será melhor – a doença da esperança é a doença da palavra “Revolução”. Até hoje ouço críticos de Lênin, de Trótski e, claro, de Stálin se referirem a tudo como frutos da Revolução, ou às coisas como uma revolução malsucedida, o que confere nobreza ao insucesso. Ah, mas ainda é possível salvar isso aqui, aquilo ali, isso mudou, você precisa reconhecer. Estão doentes. De onde só se pode salvar alguma coisa, o que aconteceu não foi uma revolução, mas uma guerra.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.